

e sobre alguns casos em particular. Merece referência a apresentação gráfica, cuidada e sugestiva. Mas alguma amplitude de informação complementar e bibliográfica poderiam tê-lo, sem dúvida, enriquecido mais ainda.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

fanp13@gmail.com

orcid.org/0000-0001-5356-8386

https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_11

VAN NOORDEN, Helen, *Playing Hesiod: The ‘Myth of the Races’ in Classical Antiquity*, 360 pp., Cambridge University Press, 2015, ISBN: 978-0-521-76081-2.

Recensão recebida a 28-05-2017 e aprovada a 12-06-2017

Os estudos sobre a poesia de Hesíodo têm revelado, nos últimos anos, uma vitalidade assinalável. Recordemos o *Brill’s Companion to Hesiod* (2009), editado por F. Montanari, A. Rengakos e C. Tsagalis; no ano seguinte, H. Koning publicou o livro *Hesiod: The Other Poet* e G. Boys-Stones e J. Haubold editaram o volume *Plato and Hesiod*; em 2013, I. Ziogas publicou o livro intitulado *Ovid and Hesiod* e, no ano seguinte, saiu o volume *Hesiodic Voices* de R. Hunter; em 2015, além do livro em epígrafe, foi publicado o livro *Hesiod’s Works and Days: How to Teach Self-Sufficiency* de L. G. Canevaro; já em 2016, a revista *SemRom* dedicou o seu número ao tema *Esiodo il corpus Hesiodeum. Problemi aperti e nuove prospettive*, com organização de A. Ercolani e L. Sbardella. Desta forma, fica demonstrado o interesse que a poesia de Hesíodo continua a suscitar entre os filólogos clássicos.

Ao longo de seis capítulos (1. “Approaching Hesiod”; 2. “Embedding the races in Hesiod”; 3. “‘Hesiod’s races and your own’: Plato’s ‘Hesiodic’ projects”; 4. “‘They called her justice...’: reading Hesiod in Aratus’ *Phaenomena*”; 5. “Hesiod *ad mea tempora* in Ovid’s *Metamorphoses*”; 6. “*Saeculo premimur graui*: re-performing ‘Hesiod’ in Rome”), Van Noorden não só procura fazer uma análise aprofundada da versão hesiódica do conhecido ‘mito das raças’ (*Trabalhos e Dias* 106-201), numa perspectiva intratextual e tendo em conta o contexto literário da época, mas também se interessa pela

sua vocação hermenêutica e intertextual, pois procura interpretar a forma como se deu a recepção desse mito na Literatura Clássica, na medida em que não existe uma simples recepção passiva, mas releitura e reconstrução do ‘mito das raças’. Em linhas gerais, o referido mito, entre os Gregos, tem, sobretudo, uma dimensão antropológica, enquanto na cultura romana (de ‘raças’ passa-se a ‘ages’) distingue-se a sua tendência histórica, logo também ideológica. Ainda no Primeiro Capítulo, a A. manifesta a intenção de caracterizar a narratologia hesiódica, integrando-a no género da poesia didáctica. Além disso, procura enquadrar a sequência de autores e textos analisados, de Hesíodo a Juvenal. Ainda assim, parece-nos que poderia, neste capítulo inicial, ter aprofundado um pouco mais a questão do didactismo de Hesíodo por comparação com outros poetas.

No Segundo Capítulo, Van Noorden analisa a estrutura e a narrativa do ‘mito das raças’, estabelecendo relação, por exemplo, com as duas *Erides*, o mito de Prometeu e Pandora, o *ainos* ou a descrição das duas cidades, para melhor se compreender o processo da recepção literária da poesia hesiódica. Além de identificar a possível influência oriental neste mito, a A. questiona-se se a perspectiva de Hesíodo reflecte uma noção de declínio ou decadência, da raça de ouro à do ferro, embora não aprofunde muito este tema, nem esclareça claramente sobre qual a sua leitura. Saliente-se a interpretação antropológica que se faz deste mito, pela sua relação com a justiça, mas também com o trabalho ou o esforço humano. Contudo, o facto de este capítulo ter oito subcapítulos não facilita a leitura, uma vez que a reflexão surge de forma muito fragmentada e o texto torna-se um pouco repetitivo.

O Terceiro Capítulo, o mais extenso, identifica e interpreta a continuidade e a transformação dos elementos hesiódicos no *Protágoras*, na *República* e no *Político*, sendo muito interessante a forma como Van Noorden combina, na sua análise, a poeticidade de Hesíodo com a dimensão mais filosófica dos textos platónicos. O uso da voz de Hesíodo, como fonte ou recurso retórico, resulta, sobretudo, de ser considerado um poeta que legou um conjunto de ensinamentos e também uma visão filosófica da mundividência humana. Para Van Noorden, a recepção que Platão faz da poesia hesiódica desempenhará um papel fundamental na Antiguidade.

É à análise da recepção da poesia de Hesíodo por Arato que a A. dedica o Quarto Capítulo, procurando enfatizar que Arato marca uma nova tradição didáctica. Acredita-se que a *mimesis* da poesia hesiódica por Arato terá sido um dos temas abordados no período helenístico, em autores como

Calímaco (vide, por exemplo, o Epigrama 27 Pfeiffer). Mais do que realçar a presença do legado hesiódico, a A. procura analisar a forma como Arato concilia essa *mimesis* com o facto de escrever numa época diferente, se atendermos especialmente ao desenvolvimento do conhecimento científico, em estreita ligação com o teor dos *Phaenomena*. Esta alteração nota-se, sobretudo, ao nível da linguagem do poema de Arato, que é mais técnica, ligada à astronomia, mas, apesar disso, o conteúdo hesiódico continua, no entender da A., a ser útil: “the *Phaenomena*’s ‘Hesiodic’ texture provokes reflection on whether teaching is (still) needed to orientate oneself in the universe, and if not, whether the desired understanding is based on collective memory (of what Hesiod’s Muses have told him), or the evidence of independent observation” (p. 174). Seguindo uma análise intertextual, Van Noorden não só interpreta a continuidade ou não do mito, mas também a dimensão visual dos *Phaenomena*. No contexto desta perspectiva mais científica da criação e da observação do mundo, a poesia hesiódica não perde significado, mas antes seduz os poetas, como Arato e outros que lhe seguem, a novas formas de recepção.

No Quinto Capítulo, centraliza-se a análise na presença hesiódica no poema *Metamorfoses* de Ovídio, que apresenta, depois de Hesíodo, a versão mais extensa do ‘mito das raças’ (Livro I, vv. 89-150). Para Van Noorden, importa escarpelizar o processo de sucessão e periodização das raças, comparando com outros poemas (Hesíodo, Arato, Lucrecio e Vergílio). Além disso, identifica, com muito pormenor, os processos de continuidade e reescrita em Ovídio, enfatizando a influência que o pitagorismo exerceu no poeta latino. Uma das conclusões deste Capítulo remete para a universalidade (literária e cosmogónica) do ‘mito das raças’ e para a própria dimensão antropológica, daí o seu valor didáctico.

Van Noorden, no Sexto Capítulo, começa por analisar o Livro XV das *Metamorfoses*, em que Ovídio se detém na teoria de Pitágoras, que influenciará a forma como se transformará, na Literatura Latina, o ‘mito das raças’ no drama e na sátira. Nessa linha de raciocínio, a A. dá dois exemplos daquilo a que chama ‘didactic hazard’ por causa da relação entre mestre e discípulo: a tragédia *Octávia* e a *Sátira* 6 de Juvenal. Apesar de uma profunda reelaboração, o legado hesiódico continua, sem dúvida, a ter uma presença significativa entre os autores latinos.

Não obstante a perspectiva de recepção de Hesíodo tenha por base o ‘mito das raças’, teria feito sentido dedicar algum subcapítulo a textos que são muito relevantes na tradição antiga do género didáctico, como o

poema *Da Natureza das coisas* de Lucrécio, as *Geórgicas* de Vergílio ou o poema sobre astros de Manílio. Dessa maneira, o leitor teria um melhor enquadramento da poesia didáctica na Antiguidade e isso facilitaria o próprio entendimento da inclusão neste estudo da tragédia *Octávia* e da *Sátira* 6 de Juvenal, dois textos que poucas vezes são tidos em conta pelos estudos que se dedicam à poesia hesiódica e à sua pervivência, o que é um elemento digno de nota deste trabalho.

Refira-se que a estrutura geral do livro está bem definida, mas o facto de se remeter várias vezes a análise para outros capítulos torna a leitura do texto um pouco confusa, também por causa de uma certa tendência para a repetição. Esta apreciações de modo algum pretendem desvalorizar o inegável valor deste livro, sobretudo pela sua análise intertextual e pela reflexão meta-didáctica, no que diz respeito aos autores latinos. De facto, estamos na presença de um estudo, apoiado em bibliografia especializada, que vem sublinhar a importância de Hesíodo na tradição literária grega e também latina. Refira-se, ainda, que são de grande utilidade os dois índices finais, o *Index locorum* e o Índice Geral.

JOAQUIM PINHEIRO
Universidade da Madeira
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
pinus@uma.pt
orcid.org/0000-0002-5425-9865
https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_12